

ALENTE MACHADIANA E AS MULHERES

GIACON, Eliane Maria Oliveira ¹

¹ Possui graduação em Letras Port/Inglês - UNIFADRA (1984), graduação em Licenciatura em Pedagogia - FFCL de Presidente Venceslau (1991) e mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002). Doutoranda pela UNESP- Assis/SP. Atualmente é membro do Conselho Editorial da Revista - Mosaicos (UEMS) (1808-4028) e professora titular da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Teoria da Literatura. Atua principalmente nos seguintes temas: identidade, romance histórico, novo romance histórico, com as obras de João Ubaldo Ribeiro e Roa Bastos. Última Publicação Revista Letras & Letras e-mail: giacneliane@uems.br.

RESUMO: O presente trabalho pretende lançar luzes sobre as mulheres especiais estão na criação romanesca machadiana, pois não faltam as mulheres dissimuladas nem as mulheres ambíguas, nem sensuais e muito menos as astuciosas. Elas não têm a fragilidade da mulher romântica, nem a desenvoltura da mulher contemporânea. Geralmente são mulheres maduras, *balzaquianas*, e se são jovens amadurecem muito cedo sob a lente machadiana. **PALAVRAS-CHAVE:** Perfis; Mulheres; Narrador machadiano.

ABSTRACT: The present work intends to launch light on special women is in the "machadiana" creation, therefore they much less do not lack to the dissimulated women nor the women ambiguous, nor sensual the slyness. They do not have the fragility of the romantic woman, or the nimbleness of the woman contemporary. Generally they are mature, "balzaquianas" women, and if they are young ripen very early under the "machadiana" lens.

KEYWORDS: Profiles; Women; "Machadiano" narrator.

INTRODUÇÃO

Mulheres especiais estão na criação romanesca machadiana, pois não faltam as mulheres dissimuladas nem as mulheres ambíguas, nem sensuais e muito menos as astuciosas. Elas não têm a fragilidade da mulher romântica, nem a desenvoltura da mulher contemporânea. Geralmente são mulheres maduras, *balzaquianas*, e se são jovens amadurecem muito cedo sob a lente machadiana. O narrador machadiano via a mulher como um ser dominador, que utilizava de todas as suas armas sejam elas doces e delicadas até o poder para dominar os homens e o universo ao seu redor. Nesse sentido, Machado de Assis, preocupou-se, por exemplo, em atribuir-lhes nomes bastante sugestivos a suas personagens: Capitu, sugerindo a idéia de Capitã, de comandante; Sofia, sugerindo a idéia de sabedoria; Iaiá, sugerindo a idéia de patroa...

Essas mulheres-símbolo também estão presentes nos contos de Machado de Assis, nos quais é possível encontrar neles a mesma elaboração da figura feminina - são representantes de mulheres fatais, adúlteras; de "mulheres recatadas", sedutoras, e fascinantes. Mulheres estas que vivem entre Segundo Império e a República do Brasil, quando as relações sociais ocorrem por trocas assimétricas: os proprietários ricos podem acolher ou rejeitar os apelos de homens e mulheres

livres, porém os últimos por serem pobres estarão sempre sujeitos ao arbítrio e caprichos suseranos dos primeiros, num mundo de manipulações e mesquinhas. Manipulações e mesquinhas que compõem quadros típicos do cotidiano, no qual as mulheres são inseridas por Machado, geralmente de forma sutil, que muitas vezes não é percebida pelo leitor, contudo com o desenrolar do texto essas personagens vão crescendo e avolumando, tomando formas de dominação, que na maioria das vezes, assusta a própria concepção de fragilidade do sexo feminino.

A natureza delas vem à tona, a fim de demonstrar a desigualdade dos homens em reação à elas. Desigualdade que se naturaliza e Machado de Assis a representa, não de um ponto de vista que espera uma solução do conflito, mas de um ponto de vista interno, de um ponto de vista que interioriza nos personagens femininos a complementação da pseudo-dominação masculina sobre o mundo. Elas não dominam pela força ou pelo poder econômico. Dominaram sim pela loucura e desespero que causam nos homens, que acabam com suas vidas por elas. São elas destruidoras de amizades, de carreiras, de posturas, enfim são as *Evas*, cuja expulsão do paraíso não fora o único castigo, que receberam. O castigo passa a ser mitigado com o homem, que passa a sofrer em suas mãos todos os efeitos de uma sociedade, cujo romantismo acabara.

O destronar do romantismo nos romances de Machado, difere dos de Eça, pois enquanto o primeiro primava em demonstrar mulheres fúteis, que se dedicavam a leituras românticas se esquecendo da realidade e vivendo sonhos com príncipes encantados. O segundo pelo contrário criou perfis femininos que não demonstram nenhum resquício dos pensamentos românticos. Se as mulheres se utilizam do romantismo, o fazem só por puro interesse para obter alguma coisa dos homens. As personagens femininas fúteis são apresentadas logo de início pelo escritor sem rodeios e são ao mesmo tempo caracterizadas de tal forma que o leitor a considere algo indesejável.

Machado pincela com segurança suas personagens, sem restrições a nada. Toda a figuração delas é uma representação nua do perfil feminino das mulheres de todos os tempos, segundo a concepção do escritor, que servirão de mode-

lo para as futuras personagens de obras do modernismo e pós-modernismo. Um caso típico a citar são as personagens femininas de João Ubaldo Ribeiro em *Viva o povo brasileiro* (1984), especificamente escolhemos Dona Henriqueta, esposa de Bonifácio Odulfo, que tenta seduzir o cunhado Patrício Macário, contudo mantém sempre um ar ingênuo para o marido.

Voltando a Machado, é possível selecionar, Capitu, uma de suas personagens femininas, que talvez seja a mais intrigante. Capitu é vista em *Dom Casmurro* como sedutora e fascinante, com seus olhos de cigana oblíqua e dissimulada. Capitu se desprende das páginas do romance escrito por Bento Santiago e se instala em nossas existenciais, criatura tão real que parece saída da própria vida. Alta, morena, cheia de corpo, de longos cabelos grossos que lhe desciam pelas costas, olhos claros, extremamente mulher. Capitu é dona de uma poderosa atração que concerne no olhar, como uma sereia.

Bentinho amou a sereia, criatura do mar e sucumbiu a sua misteriosa atração, que o impelia a ser um pouco daquilo que ela era. Capitu é mais mulher que Bentinho era homem, era mais sensual, mais inteligente, mais madura, sendo portanto, quem dirigia os destinos de ambos. Capitu não tem candura, a ingenuidade das donzelas românticas, nem é fêmea naturalista dominada pelo sexo. Ela é o protótipo da mulher moderna do século XX, avançada demais para sua época, quando a mulher ainda não havia descoberto o seu erotismo e a sua independência. Sua personalidade, desejada por Bentinho, também o fez suspeitar do adulterio dela com Escobar e a punir com o exílio.

Com seus olhos de cigana oblíqua de dissimulada, criatura do mar, Capitu simboliza a alma negativa de Bentinho em contraposição como alma positiva de dona Glória, a mãe de Bentinho. Para Bentinho Capitu trouxe-lhe a vida, mas também a morte de Escobar, visto que este faleceu no mar. O mar simboliza um contexto no qual a personagem feminina é inserida, pois o mar de angústia passa a ser sua vida com as suspeitas de Bentinho sendo pois, comparado ao mar que engoliu Escobar. A morte para Capitu é simétrica a morte de

Bentinho, enquanto o segundo morre aos poucos pela incerteza do adultério, ela morre a distância de sua terra natal.

A questão do adultério da personagem feminina em *Dom Casmurro* suscitou até o presente momento várias análises, não por o adultério ser algo que Machado não quisesse mostrar, pois isto não é o caso. Afinal ele não tinha pudores com as personagens femininas, um exemplo ocorre no conto "A Cartomante". O que se põe em questão é a maneira com que Machado narra o adultério cobrindo e encobrindo as respostas, que faz com que a dúvida permaneça. A dúvida eterna entre o sim e o não, leva-nos a crer que se fosse apontado um final concreto para o livro, a personagem Capitu teria perdido seu mistério de sereia cigana e se tornaria mais uma das personagens femininas machadianas.

CAPITU, A SEREIA

Ao trabalhar a trama de *Dom Casmurro*, Machado optou por ir semeando elementos para a problematização, na qual Bentinho faz elogios à lucidez com que Capitu procurava controlar as expansões a que era inclinado Bentinho, enumerando uma série de acontecimentos, nos quais a moça era posta a prova. Chegando àquele que lhe parece o melhor, no qual Capitu diz a mãe de Bentinho: "Pois a mim quem me há de casar há de ser o padre Bentinho; eu espero que ele se ordena...Capitu sorriu agradecida."¹

O perfil feminino de Capitu é moldado de tal forma que o leitor vai encontrando pistas de como ela será no futuro e quais argumentos, o narrador poderá usar para defender Bentinho, se no caso este leitor optar por admitir o adultério em se tratando de Capitu.

Observa-se que ela ajuda Bentinho a esconder seus encontros furtivos e em público se declara feliz com a ordenação deste e deseja que ele a case. Com esta a menina dissimula qualquer dúvida que paire sobre o coração de todos quanto ao relacionamento de ambos.

O narrador expande a caracterização de Capitu desde o capítulo XVIII, a partir do qual ela é descrita como al-

guém, cujas idéias eram hábeis, sinuosas, surdas e suas ações eram realizadas, a fim de alcançar os seus objetivos. Não de um salto mas de saltinhos.

Capitu não é caracterizada pelo narrador como ingênua, mas sim como alguém que de forma dissimulada vai aos poucos conseguindo os seus objetivos. Ela veste uma máscara, uma persona para adaptar-se às exigências e expectativas do meio, e que não corresponde ao seu modo de ser autêntico.

A dissimulação de Capitu, a sua persona perante dona Glória, enquanto mantinha carinhos com o futuro padre, Bentinho, desmonta a presunção de que Capitu sempre fora ingênua em relação ao relacionamento íntimo. A menina, em forma de mulher, queria Bentinho e para tanto se tornou sua cúmplice e mentora.

O objetivo maior de Machado não fora discutir um suposto ou real adultério de Capitu, mas sim acompanhar o desenvolvimento de um perfil feminino desde a tenra idade. Como se fosse um rato de laboratório. Explico. As outras mulheres de Machado são apresentadas adultas sejam velhas ou jovens, mas todas já passaram pela maturação de se tornarem mulheres em toda a sua potência. Capitu, pelo contrário, o seu caminho é traçado por ela e pelo narrador de forma que seja possível ao leitor acompanhar o seu desenvolvimento, a fim de que este possa mensurar o grau de falsidade existente na alma feminina.

A TEIA FEMININA

Outras mulheres machadianas foram escolhidas para participar deste embate com Capitu. A ela, todas as glórias de ser a que maior representa a personificação de Eva. O perfil das mulheres de Machado, se assim é possível dizer, é um interrelação entre o papel que estas representam, enquanto contraponto aos desejos dos homens e suas decisões. São elas as formas mais sutis e as mais drásticas que irão definir e comandar o proceder, o pensar e o decidir dos homens.

Uma personagem feminina interessante é Glória. Nome bem sugestivo, pois como Sofia é sabedoria, Capitu é Capitã, Glória é o excelsior da existência. Para alcançarmos a glória nos dedicamos a ela "de corpo e alma". E foi assim que no

conto “Terpsícone,” desde que Porfírio a viu: Da rua, Porfírio cravou nela uns olhos de sátiro, acompanhou-a em seus movimentos lépidos, graciosos, sensuais, mistura de cisne e de cabrita... Porfírio misturava já á admiração o ciúme; tinha ímpetos de entrar e quebrar a cara ao sujeito que dançava com ela, rapagão alto e espadaúdo, que se curvava todo, cingindo-a pelo meio. (ASSIS, 1992, p. 35). Desde este, ele dia se dedicou ao ato de torná-la sua esposa e assim moveu céus e terras. Veja bem leitor, Machado de Assis ao descrever Capitu se atém aos olhos, pois estes são a fonte de comando desta personagem, enquanto neste texto é o corpo que define a Glória. Isto porque, o sentido de alcançar a glória seja ela espiritual ou física passa pelo fio condutor, do corpo, neste caso o coração. “Glória tinha as feições irregulares e comuns; mas o riso dava-lhe alguma graça. Nem foi a cara que ele se enamorou dela; foi pelo corpo, quando a viu polcar, uma noite, na rua da Imperatriz. ...A sala, que era pequena, estava cheia de pares, mas pouco a pouco foram-se todos cansando ou cedendo o passo à Glória.”

Na frase “mas pouco a pouco foram todos cansando e cedendo o passo a Glória...”, Glória deixa de ser um substantivo próprio para ser um substantivo comum. A mulher cede lugar ao sublime e que pertence a todos, a glória”. Glória esta que vislumbra Porfírio a tal ponto que este a pede em casamento e faz tudo para que ela tenha uma casa e um casamento com festa. Festa esta que vira termômetro para as outras festas do bairro. O desejo dele em alcançar a Glória é tanto que este não mede consequência. Resultado, tudo vai bem até que a situação financeira do casal piora. As coisas estão difíceis e eles prestes a serem despejados, quando ele ganha na loteria e continua dedicado à Glória e desta forma compra-lhe um vestido de seda e faz uma festa no Dia da Glória para a Glória.

O que nos interessa neste enredo é o perfil dessa mulher que Machado de Assis traça com cores de sensualidade e de desejo. Ao mesmo tempo ela é uma metáfora da glória. A glória de vencer as provações da vida e neste caso a própria miséria do homem, a miséria financeira.

A luz que chega com o dinheiro da loteria representa no conto mais um instante da glória da Glória. Instantes estes que foram três. O primeiro quando ele a viu dançar. Glória travestida de luz é inacessível. O segundo no casamento, quando ele a desposa, Glória terrena. O terceiro quando da festa da Glória, ela com o vestido de seda azul é a Glória celeste.

Razão esta para o conto findar justamente quando as últimas velas apagam, no clarão da aurora, no qual somente a luz do dia poderia atenuar o brilho da Glória. A luminosidade ao redor da personagem Glória mostra um outro da prosa de Machado, pois Capitu e Sofia são perfis femininos da sombra, ocultados pela mente, na qual elas escondem que vão realizar, enquanto Glória, coberta de luz, é transluzida ao redor do corpo como um indicador para que o homem a procure.

O segundo perfil feminino que nos poremos nessa seção a analisar é Sinhá Rita. Cujo universo está descrito no conto O caso da vara. É ela, cuja dualidade de personalidade é percebida pelo leitor e declarada pelo narrador nas palavras do personagem Damião: "- Vou pegar-me com Sinhá Rita! Ela manda chamar meu padrinho, diz-lhe que quer que eu saia do seminário... Talvez assim... Sinhá Rita era uma viúva, querida de João Carneiro; Damião tinha umas idéias vagas dessa situação e tratou de aproveitar." (p.42)

Sinhá Rita conduz com maestria todos que vivem a sua volta: as meninas que ela ensinara bordados e bilros, a vida de João Carneiro e por fim a de Damião. De viúva ela já tina a qualidade, só lhe faltava a palavra negra para defini-la com maior clareza. E é justamente com esta pedra do quebra-cabeça que Machado monta o texto, enquanto ela tece uma teia que aprisiona a todos.

Damião joga a isca e ela pega, pois ele também era astuto: " _ Meu padrinho? Esse é ainda pior que papai; não me atende, duvido que atenda a ninguém... _ Não atende? Interrompeu Sinhá ferida em seus brios. Ora eu lhe mostro se atende ou não.."

A partir deste instante ela toma as dores do rapaz, não por querê-lo bem, mas por sua própria natureza que não admitiu ficar em situação de inferioridade perante Carneiro. Aquela caridade da Sinhá acabou inspirando a caridade de Damião por Lucrécia.

“Damião olhou para a pequena: era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda...Teve pena da negrinha, e resolveu apadrinhá-la se não acabasse a tarefa.”(p.44) A tarefa consistia em findar o bordado antes que o dia se fosse.

No conto machadiano os fios vão sendo enrolados ao redor das personagens, de tal forma que o inesperado acontece e ao desvendar a alma humana, o autor que a desnuda, o faz com a mesma agilidade com que a aranha tece a sua teia. E a teia da Sinhá fecha-se na última carta que escreve a João Carneiro. - Joãozinho, ou você salva o moço, ou nuca mais nos vemos. (p.44)

Sinhá fecha o cerco ao redor dos dois, de João Carneiro, velho e apaixonado e de Damião jovem e deslumbrado pelo poder dela.O poder, que ela exerce sobre o jovem,se manifesta ao ponto dele recuar em seu intento de ajudar Lucrecia, quando esta não termina o trabalho

– Onde está a vara?

A vara estava á cabeceira da marquesa, do outro lado da sala. Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, brandou ao seminarista:

– Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

Damião ficou frio...Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena, que por causa dele atrasara o trabalho...

[...]Damião sentiu-se compungido, mas ele precisava tanto sair do seminário! Chegou até a marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita.(p.45)

O narrador conclui o conto afirmando a interpretação do ditado popular”...a necessidade faz o ladrão...” e a necessidade fez com que Damião cedesse e entregasse a vara Sinhá Rita.A personagem feminina Glória demonstra suas garras a partir de uma instigação de Damião, ao final o reduz a um simples objeto seu.

Em comparação com Glória, Sinhá Rita é um estágio posterior da mulher que ao amadurecer perde o brilho do corpo, mas ganha o poder de manipular os homens ao seu redor. São elas eixos que ao seu redor rodam os cavalinhos do carrossel. As duas personagens Glória e Sinhá Rita fazem parte das tidas personagens sociais, cujos crimes não chegam ao ponto de escandalizar a sociedade, nem ao menos de levar o homem à indignação perante si e os outros. Este cir-

culo de perfis femininos são as agulhas que abrem caminho no tecido da obra machadiana para a linha, na qual será inserido o círculo das adúlteras ou pseudo adúlteras

TRAIÇÃO SIM OU NÃO?

A linha dos fios machadianos, que tece as mulheres adúlteras, talvez um dos tipos femininos preferidos pelo autor, que dentre as adúlteras ou pseudo estarão neste trabalho: Rita do conto “A Cartomante”, Conceição de “Missa do Galo” e singularíssima Capitu da qual já dedicamos uma parte deste artigo.

Rita figura num conto a Cartomante, cujo tema é o adultério. Não o adultério implícito de Capitu em Dom Casmurro, no qual fica difícil saber se ele é real ou apenas figurativo na psique de Bentinho. Este não é muito pelo contrário, o narrador faz questão de alinhar todo o conto descrevendo os atos da personagem: “Uniramos três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostram-se grandes amigos dele. Vilela, marido de Rita cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor” (p.52).

Machado não tem pudor nenhum de colocar em Rita toda a responsabilidade e o faz com tal ciência, que assusta o leitor. “Camilo quis sinceramente tugar, mas não pode. Rita como uma serpente foi-se acercando dele, envolvendo-o, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca.”(p 53)

A interpretação bíblica judaica da mulher sendo induzida pela serpente a pecar, aqui se apresenta como uma simbiose, pois na realidade a mulher é a serpente que encanta o homem, levanta-o a trair seu amigo. A traição aqui entre amigos é bilateral ocorre porque Vilela confia no amigo ao ponto de não desconfiar de nada. Contudo Machado não deixa esta personagem impune e a mesma é induzida e ao amante a comerem da fruta do pecado sem preocupação. Simbolicamente “A Cartomante” é o fruto proibido que ambos provam e ao prová-lo se sentem imunes a perseguição do marido. Rita é a própria encarnação de Eva e o autor a define como uma mulher de palavras vulgares e sem escrúpulos.

A paga pela traição é a morte e Vilela executa Rita e ao amante Camilo. A realização do conto, que fora publicado na mesma época em que Machado publicara *Dom Casmurro*, praticamente funciona como uma válvula de escape para punir com lisura a mulher por seu pecado de serpente.

Outra personagem, cuja traição vem sublime é Conceição. A mal-amada Conceição (na ambigüidade do nome e dos atos, concepção do eterno fascínio feminino) que corporifica a sedução dissimulada, “...os olhos por entre as pálpebras me cerradas...”, a passar, de vez nem quando, “...a língua pelos lábios, para umedecê-los...” – obliquidade de Capitu, esfinge indecifrável para um adolescente jejuno de amor e sexo: “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete anos, ela trinta”. (p.7)

Começa assim um dos contos mais sutis de Machado e detentor de inúmeras interpretações. Ao lado de *Dom Casmurro*, *Missa do Galo* traz uma outra personagem feminina como alvo para desnudamento de Machado. Por ser um conto, a narrativa se centra no momento em que os fatos ocorrem ou seja instantes antes da *Missa do Galo*, quando o Nogueira, hóspede na casa dos Menezes esperava um amigo para irem juntos à missa.

Conceição, esposa do Menezes, que passava a noite só, pois o marido como de costume fora ao teatro. Teatro, este, costume da época, que ocultava o dia em que ele ia ter com sua amante.

Boa Conceição! Chamavam-lhe a santa, e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade era de temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos...dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo. (p.8).

Esta passividade de Conceição, que poderia até ser confundida com a resignação da mulher do século XIX em ter um esposo com uma outra união, aos pouco vai sendo substituída por uma seqüência de pistas que levam o leitor a desconfiar desta pureza de alma.

Um dos indícios e que mais tarde se concretizaria é a questão das chaves da casa: “Tinha três chaves a porta; uma estava com o escrvão, eu levaria outra, e a terceira ficava em

casa.” (p. 08)A terceira chave passa a ser a chave que abre a casa, quando os outros não estarão presentes e afinal para quem Conceição abriria a porta. Nas entrelinhas do texto as pistas são deixadas como o que faria Conceição acordada. Será que ela desejaria ficar perto do jovem ou haveria mais:”Pelo Ano-bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que se casara com o escrevente juramentado do marido.”(p.09)

A passividade de Conceição tinha nome, pois a mesma tanto se insinua para o garoto como veremos a seguir. E logo após a morte do marido casa-se com um escrevente deste. A quem era destinada a terceira chave. Na conversa com o garoto, Conceição se atém a assuntos fúteis como quadros e livros, contudo seus gestos são insinuantes. “Pegou das pontas do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é joelho direito, porque acabara de cruzar as pernas...de quando, reprimia-me:_ Mais baixo, mais baixo...(p.08)Neste tom de sussurro e intimidade o garoto se sente extasiado com aquela mulher, perdendo até a noção do tempo e só acorda deste transe, sem contato físico, quando o vizinho o chama para a missa.

Ela no dia seguinte é a mesma como se tivesse sido personagem de um sonho que ele tivera, razão pela qual ele não entende a conversa que tiveram, mas algo da mulher sensual ficou dentro dele gravado para sempre como uma experiência do contato com uma mulher. Contato este que pode ser sensual e erótico sem contudo consumir o ato físico.

CONCLUSÃO

A opção por uma obra de Machado de Assis, em primeiro momento, já é algo que suscita várias indagações, conquanto o fato deste autor jamais estar ultrapassado, pois foi ele quem ultrassou as barreiras de seu tempo e de seu espaço. A juventude do escritor Machado de Assis é tão versátil e atual que embora muitos o tenham escrito sobre sua obra de Silvio Romero a Roberto Schwartz, ainda há muito o que dizer.

No âmago da obra machadiana, há pontos fortes que despertam a curiosidade, um deles é a questão da traição e da dominação feminina refletidos na mulher do século XIX, como se ela estivesse dando uma reviravolta no seu papel de esposa fiel e submissa. E quisesse por a prova seus preceitos, enquanto senhora de seus desejos e atos.

Machado, enquanto narratário, tinha a intenção de expor a traição e o poder na figura da mulher, demonstrando que o ato de trair locatário tanto no mundo real quanto no imaginário do homem, não era necessariamente deste e também da mulher. E esta fazia com mais maestria que este.

Neste sentido, decidimos trabalhar com alguns textos machadianos, nos quais consideramos que o autor está disposto a vasculhar a alma feminina e expô-las como exemplares de dominação e traição das mulheres sobre os homens.

Os segredos nestes textos são desvendados muitas vezes por gestos e olhares, os quais Machado retrata com singular arte, representando aquilo que parece estar escondido do mundo sob as aparências. Ali se esconde algo que vem à tona mesmo que o personagem tente esconder do narrador.

As marcas são desenvolvidas como ondas no decorrer dos textos. e nos pequenos instantes de desvelo que o autor penetra na alma das personagens femininos é possível perceber a trama montada pelo autor. Neste contexto narrativo, o fio condutor da narrativa machadiana leva o leitor não apenas para desvendar em algumas personagens se houve traição ou não por parte destes, mas para saber como é possível sob diferentes prismas perceber o reflexo da verdade que a mulher esconde.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado, Dom Casmurro. Editora Ática, São Paulo 1992.
- _____. Machado, Contos Escolhidos. Editora Klick, São Paulo 1999.
- BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. Cultrix . São Paulo, 1999.
- COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. São Paulo. Editora Global, 1998.
- MERQUIOR, José Guilherme. De Anchieta a Euclides. Rio de Janeiro, Topbooks, 1996